

MAUS-TRATOS À NATUREZA ROUBAM 2,3 MILHÕES DE M² DA SUPERFÍCIE DO LAGO PARANOÁ

VAI VIRAR SERTÃO

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Cada vez que a chuva cai em terras nuas, deixa um rastro de morros lavados. Cria sulcos. Transforma paisagens em buracos. Os buracos crescem. Os meses de águas torrenciais movimentam a natureza. Constroem gargantas tortuosas, profundas. Escavações enormes no solo desprotegido. As terras deslocam-se, empurradas para os córregos, rios, bacias hidrográficas.

A erosão exagerada é consequência de maus-tratos à natureza. Ocupações habitacionais irregulares, escavações em cascalheiras, retirada de vegetação nativa e compactação de solos impedem a absorção natural da chuva. A água deixa de ser sugada por extensas áreas de terra e acaba criando caminhos próprios até chegar ao Lago Paranoá, soterrando-o. O lago está diminuindo.

É o chamado assoreamento, que consome seus braços. Em menos de 30 anos, a lâmina d'água teve roubados 2,3 milhões de metros quadrados de superfície. E as enxurradas movimentaram ainda mais terra, assoreando 12,7 milhões de metros quadrados de superfície dos pequenos córregos e rios que alimentam a bacia hidrográfica - os tributários também estão sumindo.

Os números são do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente do Distrito Federal (Iema), obtidos por ortofotos - fotografias tiradas por satélites com ângulo de 90 graus sobre o lago, áreas adjacentes e tributários. No início da semana passada foi feita uma sobreposição de fotos de 1964 e 1991, data da mais recente ortofoto que o governo tem dessa superfície.

Desprezando o volume cúbico das águas e medida apenas sua superfície plana, o Iema descobriu que o lago perdeu uma área equivalente a 213 campos oficiais de futebol. Cada campo tem 120m por 90m, ou 10.800 metros quadrados. E mais: os pequenos córregos e rios que contribuem com o Paranoá também estão com área assoreada equivalente a outros 1.176 campos de futebol.

O desastre não está a quilômetros do coração de Brasília. Não é destruição subjetiva, ameaça desprezível, falatório de *ecochatos*. Um dos grandes buracos escavados pela erosão está quase destruindo parte da margem da pista entre o Eixão Sul e o balão do Aeroporto. A escavação chegou a menos de um metro da rodovia.

O buraco começa em um cano que despeja águas pluviais. Um sulco tímido. Modesto. Quase 200 metros adiante, já tem três metros de largura. Outros 100 metros de caminhada, a fenda alarga sua boca para 50 metros entre uma extremidade e outra. Bem perto da origem, o buraco atinge o lençol freático. Deixa-o exposto, desnudo. A natureza surpreende. Forma belas cachoeiras em meio à destruição, enfeitadas por flores silvestres.

VIROU FLORESTA

"Eu moro na cidade há 40 anos. Há 27, no Lago Sul. Acompanhei as transformações de suas margens", afirma o ex-procurador do Distrito Federal Lourenço Tamanini, 75. Ele é um dos fundadores da União dos Amigos do Lago Sul (UAL) e conta que muitas vezes viu pes-

André Corrêa



Em alguns pontos a natureza surpreende formando belas quedas d'água em meio à destruição silenciosa

cadores próximos à ponte localizada depois do Eixão, que atravessa o Riacho Fundo. Nesse local, as terras que descem em enxurrada já avançaram quase três quilômetros lago adentro. E onde era água nasceu uma pequena floresta.

O Santuário de Vida Silvestre do Riacho Fundo tem 480 hectares no limite do Jardim Zoológico. Nele desembocam os córregos Riacho Fundo e Guará, que se unem e chegam juntos ao Paranoá, ainda dentro da unidade ecológica.

Na chamada Placa das Mercedes, onde ficará a área de desenvolvimento econômico do Núcleo Bandeirante, há três grandes ocorrências de voçoroca. Foram provocadas pelo despejo inadequado de águas pluviais e extração de cascalho.

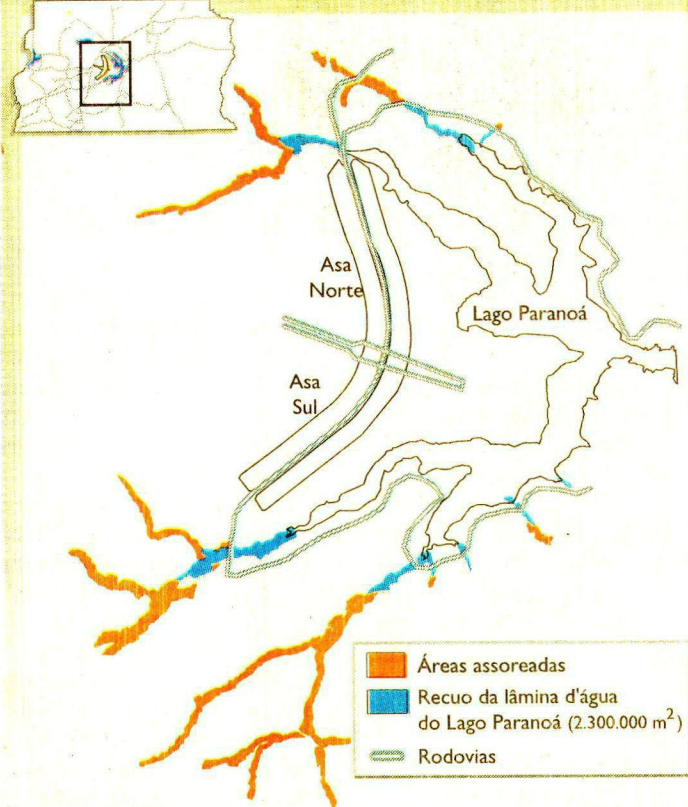
A mesma coisa acontece na

SQN 213. Por causa do despejo de águas pluviais, a quadra está de um extremo ao outro rachada por um grande buraco, atingindo o Parque Olhos D'água. No Parque do Guará, duas voçorocas que contribuem com o assoreamento do lago jogam terra no Córrego Guará.

Os principais usuários do Paranoá é que estão mais preocupados com a velocidade da erosão. "O lago está cada vez mais raso", exclama o presidente da Federação de Vela de Brasília, Dirceu Lobo. Ele afirma que muitos clubes estão com dificuldade de atracagem. Entre os locais com maiores problemas, ele cita a margem da QI 19, do braço Sul. Ao Norte, Lobo menciona um canal de concreto que despeja águas pluviais entre o Iate Clube e os Fuzileiros Navais, mesmo durante a seca.

A ÁGUA RECUA

Quanto mais o assoreamento avança, menor fica o espelho d'água do Paranoá



Bacia muito habitada

O Instituto de Ecologia e Meio Ambiente do Distrito Federal (Iema) criou dois grupos de trabalho. Um estuda formas de prevenção e soluções para o assoreamento, como infra-estrutura para a rede pluvial e plantio de árvores nativas. O outro mapeia a ocupação da bacia hidrográfica do Lago Paranoá, que, habitada por cerca de 500 mil pessoas, abriga as seis principais cidades do Distrito Federal, mais Lago Sul, Lago Norte, condomínios irregulares e a invasão da Estru-

tural. A Promotoria de Defesa do Meio Ambiente acompanha os estudos passo a passo.

"O primeiro procedimento para salvar o lago foi por iniciativa do Ministério Público, em 1997, para investigação das causas dos problemas", informa a promotora Cristina Rasia Montenegro. Segundo ela, o MPDF também dividiu funções de acordo com os temas - assoreamento e ocupações. E está debatendo ações conjuntas com órgãos do governo.